

OS DOIS AMORES DE PAULO VAZ EM *A CIDADE DE ULISSSES*, DE TEOLINDA GERSÃO

Valci Vieira dos Santos¹

RESUMO

Este texto se dedica a analisar a personagem protagonista, Paulo Vaz, do romance *A cidade de Ulisses* (2017), da escritora portuguesa contemporânea Lídia Jorge. Por entre os fios que tecem a narrativa da obra, emerge a voz de Paulo Vaz que conta a sua história de amor por uma mulher (Cecília Branco) e por uma cidade (Lisboa), que se apresenta a ele como uma cidade de desejo, de sedução. Para fomentar a compreensão do panorama histórico-social e literário da literatura portuguesa contemporânea, lançamos mão do suporte teórico e doutrinário de Massaud Moisés, através de sua obra *A Análise Literária* (2007).

Palavras-chave: *A cidade de Ulisses*; Teolinda Gersão; Ficção Portuguesa contemporânea.

INTRODUÇÃO

A escritora contemporânea Teolinda Gersão, em seu romance *A cidade de Ulisses* (2017), apresenta-nos uma prosa da narrativa portuguesa composta de uma escrita singular, cuja natureza de expressão literária revela aos seus leitores a possibilidade de percorrer vários caminhos de reflexão, a partir da pluralidade temática que atravessa toda a obra. Do universo desta pluralidade temática, emergem-se, com destaque, as representações do amor, o qual se manifesta, essencialmente, sob duas óticas construídas pela personagem protagonista Paulo Vaz.

As duas facetas dessa forte afeição a que chamamos também de amor, na verdade, são materializadas na pessoa de Cecília Branco e na cidade de Lisboa. E são essas duas facetas que se constituem em nosso objeto de análise do romance de Gersão. Pretendemos, pois, analisar a história de amor de Paulo Vaz por uma mulher e uma cidade, história esta atravessada por vários caminhos que são construídos entre mitos, realidade, desejo, literatura e as artes plásticas, o passado e o presente,

¹ Doutor em Estudos Literários/Literatura Comparada pela Universidade Federal Fluminense-UFF; Professor Titular na Universidade do Estado da Bahia-UNEB, Campus X. Professor Adjunto da Faculdade do Sul da Bahia-FASB. É pesquisador do Grupo de Estudos GEICEL, com as linhas de pesquisa: Literatura: Crítica, Memória, Cultura e Sociedade; Língua: Linguagens, Significação e Identidade da Universidade do Estado da Bahia-UNEB e pesquisador do Grupo de Pesquisas Literárias Luso-Brasileiras-PPLB, vinculado ao Real Gabinete Português de Leitura do Rio de Janeiro e à UERJ. valci@ffassis.edu.br.

as relações quase sempre conflituosas entre homens e mulheres, a crise civilizacional e o afã de repensar o mundo.

METODOLOGIA

A metodologia, com a qual pretendemos trabalhar, para alcançar o objetivo proposto, é aquela em que a análise literária se aproxima da crítica e da historiografia literária. No âmbito da historiografia literária, faremos uso da historiografia interna, a qual, segundo Massaud Moisés (2007, p. 20), o que nos “importa especialmente [é] o conteúdo das obras, examinando-as do prisma das ideias, pensamentos e sentimentos (temas, clichês, motivos, mundividências etc.) que perduram no fio do tempo”.

DISCUSSÕES E RESULTADOS

A cidade de Ulisses (2017) é um romance que marca o retorno de Teolinda Gersão ao mundo das publicações, após ter ficado longe dele durante quatorze anos. Mas valeu a espera pelo seu retorno. A escritora portuguesa nos brindou com uma vigorosa e abrangente obra marcada por narrativas híbridas, em que romance, ensaio e história mantêm diálogos entre si, numa sinérgica fusão.

O texto é narrado por um artista plástico, Paulo Vaz, que conta a sua história de amor por uma mulher, Cecília Branco, e por uma cidade, Lisboa. A Lisboa, contada por Paulo Vaz, é a cidade fundada miticamente pelo herói da *Odisseia*, obra do poeta épico da Grécia Antiga, fonte da qual Teolinda Gersão retira sua força motriz para a construção de um texto literário atraente, elegante e erudito, constituído de fios narrativos tecidos com eventos da geografia, da história e da política, mas, sobretudo, com fios de densa investigação existencial.

Paulo Vaz apaixonou-se por Cecília Branco. Essa paixão parece ter nascido desde os tempos em que ele fora seu professor: “A primeira vez que te vi foi numa sala de aula, Cecília. Na altura eu era uma espécie de assistente de uma das cadeiras do primeiro ano.” (GERSÃO, 2017, p. 24). Com o tempo, Paulo Vaz sente uma atração cada vez mais intensa pela aluna, e passa a encarar a sala de aula (a essas alturas, não mais lhe interessa dar aulas, até porque, nunca quis ser professor) como um palco em que a amada era “a única espectadora de um espetáculo que só para ti [ela] eu [ele] encenava”. (p. 25). Mas a paixão entre Paulo e Cecília foi interrompida. A gravidez da amada não foi bem recepcionada por ele, que reagiu com violência diante

da notícia, culminando numa forte discussão que a levou a um acidente doméstico, levando-a a perder o filho. Tal estado de coisas pôs fim ao relacionamento, provocando um afastamento melancólico que levou Cecília a mudar-se para outras cidades e para outros destinos.

A separação definitiva entre Paulo Vaz e Cecília se dá em função da morte da amada, que o levou a realizar uma exposição como homenagem póstuma. Era como se ele quisesse recompensar a perda de uma vida interdita pelas casualidades. A exposição dos quadros pintados pelo seu grande amor poderia servir para fazer arrefecer inúmeros embates vividos por eles, ao longo do relacionamento, frutos de confrontos, incompreensões mútuas, tormentos, castrações e incompatibilidades: “Trabalhavas de um modo muito diferente do meu. Reunias pacientemente toda a informação que procuravas, tirando notas em pequenos cadernos. Ao contrário de mim, que tomava apontamentos em folhas soltas que depois perdia [...]”. (GERSÃO, p. 139).

Em última análise, a mostra multimídia com a arte de Cecília Branco, organizada por Paulo Vaz, parece refletir o seu desejo de eternizar o amor vivido com ela. Imagens, divagações e abstrações, oriundas de traçados e cores das telas nas paredes, parecem querer dar corpo ao passado retido em sua memória, memória esta marcada pelas vivências construídas ao longo de seu relacionamento com Cecília Branco.

A outra faceta do amor, tão bem nutrido por Paulo Vaz, refere-se à cidade de Lisboa, “uma cidade construída pelo nosso olhar, que não tinha de coincidir com a que existia!” (GERSÃO, p. 41); a cidade dos patrimônios culturais e arquitetônicos, das vilas operárias, da Graça, “um bairro popular de pequenos cafés, mercearias, lojas de fruta, vizinhos!” (p. 65). Enfim, “era um lugar para ver o que lá estava e o que lá não estava mas nesse lugar já estivera, era um lugar para quem gosta de saber e procurar e está disposto a fazer esse trabalho prévio. Uma cidade a conquistar [...]” (p. 69)

Dessa forma, o olhar do artista plástico Paulo Vaz sobre a capital portuguesa é denunciado através do “olhar” do sujeito errante que passa a captar as mais diferentes imagens que a cidade lhe proporciona. Ao deambular pelas ruas lisboetas, ocorre-lhe o desejo de decifrar a cidade labiríntica, o próprio país, assim como o outro com quem se depara e a si mesmo.

A Lisboa de *A cidade de Uisses* parece surgir desse olhar errante do sujeito deambulador: uma cidade “em que se ia penetrando pouco a pouco e descobrindo,

abaixo da superfície, outras camadas do tempo.” (p. 69); a Lisboa, que nem sempre assumia o *status* de protagonista, pois não era a única a merecer a sua atenção: “Lisboa era um pano de fundo, em geral desfocado porque a nossa atenção se dirigia para outras coisas, só por vezes se centrava na cidade”. (p. 42); a Lisboa histórica, fundada provavelmente pelos fenícios, influenciada pelos gregos e pelos romanos, a Lisboa do Castelo de São Jorge, da Torre do Tombo, a Lisboa de antes do Terremoto de 1755 e de depois. Enfim, a Lisboa das cruzadas, dos Descobrimentos, da guerra colonial, da emigração, do século XX.

E o que dizer da Lisboa literária? Da Lisboa de Camões, de Fernando Pessoa e de José Saramago? A Lisboa imortalizada na prosa e nos versos de inquietantes escritores e poetas que aprenderam a amá-la, mas também a odiá-la?

E é assim que Lisboa se apresentava diante de Paulo Vaz, ou seja, entre o amor e o desprezo por essa cidade que se apresentava “feita de pedaços, que eram pontos fulcrais de uma estrutura. [...] Eram os pedaços vazios que faziam realçar os outros, onde o desenho tomava forma. Como na vida, porque também a vida era assim, de vazio e pleno”. (p.74). Ao deambular, portanto, pelas ruas, ruelas e praças, o artista plástico se via diante de uma cidade multifacetada, cujos quadros foram pintados com as mais diferentes cores e matizes: “[...] à toa reparávamos em pormenores, varandas e janelas, quiosques e recantos, empenas, chafarizes, letreiros com nomes curiosos”. (p. 70).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante, pois, dessas duas significativas facetas do amor, tão bem arquitetadas por Gersão, no decorrer de sua narrativa, construída com significativo teor artístico, já que sua escrita é-nos reveladora de um vibrante hino por vezes uníssono, por vezes destoante, pudemos constatar que o seu romance se assenta sobre dois pilares narrativos importantes: o amor por uma mulher e o amor por uma cidade.

REFERÊNCIAS

GERSÃO, Teolinda. **A cidade de Ulisses**. Rio de Janeiro: Oficina Raquel, 2017.
MOISÉS, Massaud. **A Análise Literária**. São Paulo: Cultrix, 2007.